Presença actual da Revolução do 1.º de Dezembro

O acontecimento da História de Portugal hoje evocado em todo o país continua a dar-nos, como todos os acontecimentos h i s t óricos decisivos, lições de plena actualidade. A sua recordação parece até tornar-se mais necessária hoje do que em outra altura da existência de Portugal. O povo português do 1.º de Dezembro de 1640 — o seu clero, os seus fidalgos, os jovens e a massa anónima — transmite-nos a mensagem de que só vale a pena viver quando se sabe fazê-lo com dignidade.

O ideal de *«Liberdade»*, tão evocado nos momentos actuais, frequentemente até para capa da mais negra tirania, é a primeira lição magistral dada pelos acontecimentos do 1.º de Dezembro de 1640. Liberdade, sim, mas a liberdade resultante imediata e necessária de um entranhado amor à pátria, pela qual se não duvida nem receia sacrificar sossego, fortuna e vida. Lição de *patriotismo* é, pois, a que igualmente nos é dada pela evocação dessa data, mas de um patriotismo que não passe de palavra aliciante, dum patriotismo que é sentimento vivo e operante e dignificador.

Falo para jovens, mas para jovens de certa cultura, preocupados já com o que vai pelo mundo e, por isso, lendo já a imprensa diária que pretende pôr-nos a par dos acontecimentos mundiais. Nem nós, vossos educadores, pretendemos que ignoreis tais notícias, embora muitas delas falsas ou tendenciosas. É que quem leia, meditando, colherá certamente lições proveitosas até mesmo do que é falso, às vezes até porque falso.

Dessa leitura fica-nos certamente uma visão, Deus queira que não terrificante, do caos tremendo que vai pelo mundo. Parece quererem fazer-nos acreditar que o preto é branco, e que o branco é preto, que o santo é mau e que o criminoso é justo.

Os selvagens de ontem — muitos acontecimentos afirmam-nos serem ainda selvagens de hoje — a darem a lei ao mundo e com uma arrogância espantosa. Os civilizados, responsáveis pelo menos por uma herança secular de civilização acatando docilmente, se não cobardemente, as imposições dos primeiros. Aprova-se a violência e desacata-se o direito. Aceitam-se as mentiras e rejeita-se a verdade.

Protege-se o ofensor e condena-se o ofendido. Choram-se os criminosos e vili-

(Continua na 12.ª página)

Aqui não reside o temor!

Não terminou o ano de 1961 sem que mais uma vez a valentia, o amor pátrio, o apego à terra portuguesa espalhada por todos os continentes e oceanos, mas toda ela parte integrante da Nação, não fossem mais uma vez postas à prova.

A República da União Indiana atacou com toda a sua força militar e brutalidade que lhe é característica o Estado Português da India!

A notícia correu veloz e embora os acontecimentos dos últimos dias fizessem suspeitar das intenções de Nehru, havia ainda uma esperança de que no momento derradeiro a voz da razão e do direito se fizesse ouvir em Nova Delhi.

Apoiado pelo comunismo e maçonaria internacionais, seus aliados e orientadores, a India nada quis ouvir e deu ordem de marcha aos seus exércitos contra a Goa

(Continua na 13.ª página)

6

DIRECTOR A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO A.C.C. J. MANOEL D'OLIVEIRA MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
20 DE DEZEMBRO DE 1961
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

25 anos ao serviço da M.P.

26 de Novembro de 1936.

Nesse dia o A. Q. G. Dr. João Manuel Leite de Castro, director da «Chama», e então jovem aluno do Liceu D. Manuel II, assinava a sua ficha de filiado.

Acabava de nascer a Mocidade Portuguesa. Logo nela se filiou, servindo-a sempre, sem interrupção, primeiro como filiado, mais tarde como dirigente, no decorrer destes 25 anos.

Ao proceder a esse pequeno, mas significativo acto, não calculava as horas alegres (e outras aborrecidas) que viveria no C. E. 2 da Ala da Covilhã. Não pensava, então, neste Centro que ajudaria a nascer nas mãos dos primeiros graduados que ajudou a formar.

Assim como eu um dia lhe ouvi dizer que Heródoto era considerado o «pai da História», direi que ele é o «pai do Centro 2».

Findo o Curso Liceal, segue a

O filiado de há 25 anos

caminho de Coimbra, rumo à Faculdade. Aí serviu no Centro Universitário.

Ano lectivo 1956-57.

Entre os novos professores que se encontravam no Liceu, estava o Senhor Dr. João Manuel Leite de Castro que pela Ordem de Serviço n.º 6 de 16 de Dezembro de 57 emanada do Comissariado Nacional, era nomeado Assistente do Quadro Geral.

Teve logo de início imensas dificuldades ao começar a trabalhar no Centro, pois não havia nele ao menos um chefe de quina!

Com boa vontade da parte dos filiados mais velhos começou-se a dar instrução no Centro. Mas a boa vontade não era o suficiente, era preciso que aqueles que a ministravam já a tivessem recebido convenientemente.

A farda era um luxo, via-se um Centro paisano.

Com a aprovação do então Director de Centro, Dr. Alfredo Antunes dos Santos, dirige o I Curso de Arvorados, do qual saíram depois os primeiros graduados do Centro. Eram eles quatro: o Joaquim Baptista, o Augusto Martins, o Júlio Esteves e o António Borrego. Quatro foram ao Curso e todos vieram aprovados.

O Baptista foi o primeiro Comandante de Centro.

1957-58.

Novo ano desponta. Já havia quatro graduados de quem o A. Q. G. Dr. Leite de Castro muito esperava, assim como o Centro e o seu Director.

Neste ano lectivo dirige o I Curso de Palestras de Formação Portuguesa, assim como em todos os anos que se seguiram, o I Curso de Palestras de Formação Corporativa, que dirigiu também noutros anos posteriores e ainda II Curso de Arvorados, cargo que sucessivamente tem desempenhado.

Ainda neste ano lectivo funda o Grupo Folclórico do Centro, do qual tive a honra de fazer parte.

Toda esta acção levou o Director de Centro a conceder-lhe um louvor que transcrevo da O. S. n.º 4 de 28 de Maio de 1958:

«É louvado o A. Q. G. Dr. João Manuel Leite de Castro pela competência, zelo e dedicação, indo até ao sacrifício da sua vida particu-

O Dirigente de hoje

lar, que revelou em todas as actividades do Centro, acompanhando e orientando filiados em todos os trabalhos da M. P.».

1958-59.

Além dos cargos citados anteriormente, foi ainda, neste ano de actividades, Director de Instrução, nomeação que foi publicada pela O. S. n.º 6 de 10 de Dezembro de 58.

Neste mesmo ano fundou a Sala do Filiado que tem sofrido algumas transformações, mas tem conservado o espírito com que de princípio foi criada.

Ainda neste ano de actividades dirigiu a representação da Beira Baixa ao VI Acampamento Nacional «Carneiro Pacheco».

1959-60.

Nesse ano assumiu a Direcção do Centro o actual Reitor Dr. Abrantes da Cunha.

Com o presente Director de Centro, trabalhou e tem trabalhado como Director Adjunto, nomeação que saiu publicada na O. S. n.º 2 de 10 de Novembro de 1959 da Delegação Distrital.

Dirigiu, além do Curso de Arvorados, Curso de Palestras de Formação Portuguesa e Formação Corporativa, o Ciclo de Palestras integrado nas Comemorações Henriquinas e o I Curso de Chefes de Quina «Egas Moniz», curso que tem dirigido em todos os anos que se seguiram.

Funda a Biblioteca do Centro, cujas primeiras obras são ofertas suas.

Neste ano lectivo dirigiu o Acampamento de Centro «Infante D. Henrique» que teve a honra de ser visitado pelo Senhor Dr. Baltazar Rebello de Sousa, então Subsecretário de Estado da Educação Nacional e foi Subdirector do Acampamento Distrital da nossa Divisão.

Ainda em 59-60 dirigiu a representação Distrital ao I Acampamento Internacional «Infante D. Henrique».

1960-61.

O A. Q. G. Dr. Leite de Castro é nomeado Director da «Chama». A ideia da sua criação partiu do Director de Centro e em boa hora, pois o jornal tem procurado cumprir através dos cinco números que já saíram, singrando por sobre todas as dificuldades, graças ao seu Director e ao apoio do Director de Centro.

Pela O. S. n.º 8 de 5 de Janeiro de 1961 da Delegação Distrital o Director da «Chama» é nomeado Director da Casa da Mocidade da Ala da Covilhã.

Na inauguração da Casa esteve presente o Comissário Nacional, Brigadeiro Pereira de Castro, o governador civil de Castelo Branco, Dr. José de Carvalho, o Presidente da Câmara da Covilhã, Dr. José Ranito Baltazar, o Deputado Dr. Carlos Coelho, o Delegado do I. N. T. P., Dr. Fernando Corte Real e Amaral, o Delegado Distrital da M. P., Dr. José Catanas Diogo, os Subdelegados Regionais da M. P. da Covilhã e Fundão, respectivamente Engenheiro Ernesto de Melo e Castro e Dr. Filipe de Meneses e demais dirigentes da M. P. e entidades oficiais.

Neste ano de 60-61 dirigiu o Ciclo de Palestras Condestabrianas e o I Acampamento de Férias «Maciel de Chaves» que teve a visita do Sr. Governador Civil e do Sr. Bispo da Guarda, Dom Policarpo da Costa Vaz.

No dia 25 de Novembro a coincidir com a Romagem dos Antigos comemorou o A. Q. G. Dr. Leite de Castro os seus 25 anos de serviço da Mocidade Portuguesa.

Pelas 12 horas e 30 foi celebrada missa de acção de graças na igreja de S. Francisco a que assistiram o Director de Centro do Liceu, a Subdelegada Regional da M. P. F., a Senhora Dona Fernanda Aurea Cruz Gomes, Directora do 2.º ciclo, professores do Liceu, filiados e filiadas dos Centros da M. P. e da M. P. F. e uma apresentação dos antigos graduados do Centro. Viam-se também encarregados de educação e familiares dos alunos do Liceu.

Enviaram nesse dia cumprimentos ao Director da «Chama» o Governador Civil do Distrito, o Delegado Distrital da M. P., o Subdelegado Regional da M. P., e todos os antigos graduados e chefes de secção não presentes à romagem que nesse dia se realizava.

Alberto Branquinho
(A. C. C.)

Falam Portugueses do Ultramar

(Continuação da 3.ª página)

gem paga), têm que se contentar com um emprego, pois, apesar do auxílio das Bolsas de Estudo, a família tem que entrar com algum dinheiro; portanto, ou se empregam em Macau, onde as vagas são poucas, ou em Hong-Kong, onde há maiores possibilidades.

— Há pouco tempo ainda que chegaste a Lisboa. Qual a tua primeira impressão sobre o meio universitário que frequentas?

— Ao meu primeiro contacto com o meio Universitário notei logo o ambiente amigável que lá se encontra, sendo prova disto, os meus novos amigos. Espero poder contar com eles e eles comigo.

— Sendo 90% da população de Macau de nacionalidade chinesa em que medida e cultura portuguesa influencia a cultura aborígene ou é por ela influenciada?

— Num meio pequeno como o de Macau é natural encontrarem-se influências diversas das duas civilizações: oriental e ocidental. A prova está na amizade existente entre a comunidade chinesa e a portuguesa.

— A influência sofrida pelos portugueses da civilização chinesa é notável nos costumes, como a queima da fita de «panchões» durante as festas do Natal e do Ano Novo, e na língua, onde se encontram várias palavras de origem chinesa. A alimentação também se acha influenciada.

— Que pensas sobre o papel da juventude no chamado «Problema Ultramarino»?

— A juventude portuguesa, tanto a Metropolitana como a Ultramarina, deve ter sempre em mente a unidade e o auxílio mútuo, de modo a salvaguardar a integridade Nacional.

C. B. Víctor Sequeira Mendes

Ao C.B. Vítor Sequeira Mendes que no ano passado representou no nosso acampamento «Maciel de Chaves» o C. E. n.º 1 de Castelo Branco, foi atribuída a medalha de assiduidade.

Todos os dirigentes e filiados deste Centro o felicitam muito sinceramente fazendo votos por que continue sempre a ser como até hoje um graduado inteiramente devotado ao serviço da M.P..

FALAM PORTUGUESES DO ULTRAMAR

MACAU — Presença portuguesa no Oriente

VITOR GUILHERME MANHÃO
20 anos
Macau
Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras

— Na Metrópole desconhece-se um pouco a vida e a maneira de ser do estudante macaense. Podes fazer uma comparação com o estudante metropolitano apontando em especial as diferenças?

— É difícil apontar as diferenças entre o estudante liceal da Metrópole e o macaense, pois desconheço os liceus metropolitanos.

No entanto nota-se que a frequência no Liceu de Macau é menor, como é natural, do que a dos metropolitanos. Acho que é devido à pequena população portuguesa naquela província.

A Secção de Ciências é a que comporta maior número de alunos e a dificuldade em aprender o Inglês é menor, em virtude da proximidade de Hong-Kong.

— Quais os problemas fundamentais que se levantam ao estudante, que findo o seu curso secundário pretende ingressar na Universidade? Regra geral como são tais problemas resolvidos?

— Na minha opinião, após findar o curso secundário, a maior dificuldade com que deparam os macaenses é a financeira. Continuar seu curso numa Universidade da Metrópole arrasta consigo sérias dificuldades financeiras, relativamente à viagem e à manutenção. A maior das vezes esta situação é remediada com o auxílio do Governo, por meio de Bolsas de Estudo e viagens pagas. Outras vezes, os que não conseguem partir para a Metrópole (embora tenham via-

(Continua na 2.ª página)

A Covilhã e o ataque
da União Indiana

Constituiu uma magnífica jornada de patriotismo e religiosidade a manifestação do povo da Covilhã junto dos Paços do Concelho e a peregrinação de silêncio ao monumento de Nossa Senhora da Conceição.

Milhares de pessoas encheram a praça do Pelourinho, afirmando bem alto a sua repulsa pela agressão indiana, a sua confiança no exército português, a sua fé nos destinos da Pátria.

Seguiu-se uma romagem ao monumento a Nossa Senhora, onde se rezou e pediu a protecção divina para os soldados de Portugal e para as terras de Goa.

Durante 24 horas esteve o Santíssimo Sacramento em exposição na Igreja da Misericórdia, tendo desfilado por essa igreja com o maior recolhimento e em prece fervorosa a cidade da Covilhã.

maria nossa mãe

Também eu julgava, quando era menino, que tinha apenas aquela mãe que me acariciava e tratava tão bem que fugia para o seu regaço, quando tinha receio de alguma coisa. Também eu julgava assim. — Mas hoje, não.

Li algumas páginas do Evangelho, que me foram explicadas depois, e aprendi que Maria, com ser mãe de Jesus, era também nossa Mãe!...

Uma página encontrei que continha também este mistério da Maternidade da Virgem Maria, mas em ambiente de martírio. Descrevia o quadro do Calvário, na tarde cinzenta da morte do Senhor:

— Eis aí o teu filho — disse Jesus a Sua Mãe, referindo-se a S. João que também estava, de pé, junto da Cruz.

— Eis aí a tua mãe. — E a mãe era a Virgem Maria.

Estávamos ali todos representados no Discípu'o Amado do Senhor. Todos. Maria é pois a nossa Mãe, na ordem espiritual da graça.

Já tinha observado, no exame da palavra MÃE, na sua forma lat'na, que ela nos quer indicar MARTIR. E foi em horas de martírio, em que o Divino Mártir — Jesus — agonizava, que Maria nos foi dada por Mãe.

Maria é, de facto, nossa Mãe!

E este facto é para nós uma glória e uma responsabilidade. É uma glória. — Pois não são as glórias das mães também herança dos filhos?

E também responsabilidade, pois me parece ouvir o aviso que a Senhora vai segredando a dizer-nos sejamos dignos de a ter por Mãe.

Que a doce Mãe de Jesus seja todo o nosso encanto e o nosso amor, como o foi de tantos que aprenderam a amar a Deus, amando Sua Mãe Santíssima.

Assistente Religioso do Centro 2

A Subdelegada Regional fala sobre o Dia da Mãe

«Chama» durante a visita que fez às salas onde trabalhavam as filiadas da M.P.F., pediu à Senhora Subdelagada Regional, professora dedicadíssima e que ao seu mister se tem devotado inteiramente, para nos dizer duas palavras sobre o Dia da Mãe.

A Senhora D. Judith Fitas acedeu ao nosso pedido e é com o maior gosto e honra que arquivamos nas nossas colunas as suas palavras.

O Dia da Mãe é, para mim, simultâneamente, um dia triste e alegre. Triste, porque infelizmente já não tenho a minha querida mãe; alegre, porque me sinto mais acarinhada pelos meus dois filhos que, apesar de longe, se não esquecem de mim.

O Dia da Mãe por ser o Dia de Nossa Senhora, é um dia especial para todos.

Estou convencida que ninguém esquece a sua mãe — a do Céu e a da terra. Há mais carinho mais ternura nos nossos corações e até as nossas preces se elevam mais fervorosas.

Nessas preces não esqueçamos os nossos bravos soldados que, afastados do seu lar, dão a Vida por nós em terras do Ultramar Português e roguemos à mãe amantíssima dos Ceus que os ampare e proteja nesta hora difícil.

Comemoração do dia 8 de Dezembro

A M.P.F. comemorou, dignamente, no dia 8 de Dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, dia da Mãe, dia da oração, junto do altar da Virgem, e de Ternura nos nossos lares.

Pelas 10 horas foi celebrada Missa na Igreja de Santa Maria Maior pelo Reverendo Pároco dessa Freguesia P.e José Bapt'sta Fernandes que dirigiu às filiadas presentes uma vibrante exortação chamando-lhes a atenção para a festa da Imaculada Conceição e para a devoção e carinho que todos devemos às nossas Mães.

Na Capela-mor, do lado do Evangelho, tomaram lugar a Subdelegada Regional da M.P.F., Senhora Dona Judith Fitas da Cunha Martins, que estava acompanhada pela Senhora Dona Maria Alice de Castro Fernandes e do lado da Epístola o A.Q.G. Dr. Leite de Castro, Director da Casa da Mocidade e representante do Director do Centro Escolar n.º 2, que estava acompanhado pelo Secretário e Tesoureiro da Casa da Mocidade, C. C. Mário de Carvalho Tomé e C.C. João Ernesto Pinto da Silva.

Assistiram à Santa Missa dirigentes e filiadas da M.P.F. e filiados da M.P.

A Senhora Dona Judith Fitas da Cunha Martins recebeu cumprimentos das representações da Casa da Mocidade e do Centro Escolar n.º

(Continua na página 13)

A M.P.F. prepara o Dia da Mãe

Estamos na véspera do d'a 8 de Dezembro. Em todo o Liceu se sente o entusiasmo e a azáfama com que as nossas colegas da M. P. F. trabalham na preparação dos enxovais e na ornamentação dos berços que amanhã serão distribuídos a pobres desta cidade.

Até a Redacção da «Chama» teve de «sofrer» a invasão das filiadas da M.P.F. que por algumas horas transformaram com a sua alegria e a sua caridade o nosso pequeno gabinete num centro em que se respirava um cl'ma novo e onde se substituíram as nossas provas e planos por um espírito de verdadeiro amor cristão.

A subdelegada visitando a exposição dos trabalhos

Não se podia deixar passar o dia 8 sem que se fizesse uma visita às sa'as onde decorriam os trabalhos preparat'vos do Dia da Mãe.

A Subdelegada Regional e Directora do C. E. n.º 1, Senhora D. Jud'th Fitas da Cunha Martins, bem como todas as senhoras que com ela colaboram, receberam-nos com o seu acolhimento e simpatia peculiares, tendo ainda, para o nosso jornal palavras de penhorante simpatia.

Felic'tamos, sinceramente, a Subdelegada Regional, as Dirigentes da M.P.F. e as nossas colegas por tudo o que souberam realizar, mas sobretudo pela mensagem de Caridade que no seu trabalho transparece.

Muitas vezes mais do que o que se faz importa o como se faz e na M.P.F. realizou-se uma obra, onde para além do valor material, há manifesto trabalho do coração, afirmação de bondade, exemplo de que sempre, em todas as horas, não podemos festejar as nossas alegrias no esquecimento daqueles que são menos felizes que nós.

Foi esta a lição que trouxemos da nossa visita; é esta a lição que pedimos a todos os filiados meditem e não esqueçam.

João M. Oliveira Martinho (A.C.C.)

As filiadas dando os últimos retoques

O Dia da Mãe

Não é sem razão que se dedicou este dia a todas as Mães pois ele é o dia consagrado à maior e melhor das Mães, a mais perfeita e priveligiada, aquela que Deus achou digna de ser Mãe do Seu Filho, do nosso Redentor.

Ela é o símbolo de todas as Mães do Mundo, com os seus carinhos, desvelos, abnegação e sacrifícios maternais. Ela é o exemplo de todas as Mães assim como Seu Filho é o exemplo de todos os Filhos.

Este é o dia em que mais intensamente devemos seguir esse exemplo, mostrar à nossa Mãe que o nosso amor não é, comparativamente à nossa condição, inferior ao de Jesus para com Nossa Senhora.

Honremos, pois, neste dia, essas duas guias e mestras da nossa vida, a nossa Mãe do Céu e a nossa Mãe da Terra.

Maria Manuela Tavares Moura e Silva

SONHEI... E ACORDEI

Vagueava por mundos desconhecidos. Talvez no Hipermânio de Platão, ou eu sei lá onde! O certo é que vagueava e observava coisas nunca vistas, jardins de maravilha onde a visão se deleita e o corpo descansa. A relva macia e fresca chamava o viandante a retirar-se do sol abrasador e lançar-se na verdura acolhedora, até onde o aroma fino e delicado de ternas rosas recém-desabrochadas, se fazia chegar, qual mensageiro da felicidade, a pessoas que tinham chegado ao mundo dela.

Sùbitamente, aparece uma ave gigante de penas multicolores, onde os olhos divisavam, principalmente, um verde azulado do qual sobressaíam réseas domadas. Ave magnífica e de um tamanho colossal! Aproximou-se de mim, tomou-me nas suas asas e voou... voou.

O meu espírito apoderado por um espanto receoso, breve se modificou. E assim fiquei quase extasiado. Contemplei, com uma quietude de espírito nunca por mim sonhada, uma paisagem de magnificência deslumbrante. E, breves instantes eram passados quando, não sei como nem porquê, me encontrei num ambiente que cheirava a musicalidade, num salão de baile, rodeado de fadas maravilhosas.

Também dancei.

A breves instantes segui toda a estranha gente e achei-me ante mesas belamente ornamentadas, com deliciosos manjares e bebidas que alegram o espírito do homem.

Então senti uma leve impressão de vaguear na realidade, não estar entre fadas em lugar inconhecido! Comecei a olhar à minha volta; vi-me rodeado por colegas (rapazes e raparigas). À minha frente o Reitor do Liceu Dr. Alfredo dos Santos tacteava o seu nariz, enquanto o Dr. Leite de Castro apoiado a um condiscípulo querido diz'a ser o último ano que ficaria na Covilhã e este baile de despedida era para ele duplamente saudoso: primeiro porque se despedia do curso que regera e agora iria dispensar-se rumo ao futuro; em segundo lugar porque também deixaria a Covilhã e iria para Coimbra estagiar. Mais ao lado a D. Alice dizia que os bolos estavam bons. A D. Lucinda com'a sem comentários enquanto a uma esquina da mesa o Arquitecto Rodrigues, auxiliado pelo Dr. Lino, esvaziava uma garrafa.

Findou a merenda. Como digestivo proferiram-se alguns discursos. O Diamantino, esse Diamantino pequeno e franzino, de óculos e perspicaz observa coisas de admirar. Assim, diz:

«Senhor Reitor, eu preciso de passar. E Dr. Baleiras faça o carreiro mais ao lado». Ao Dr. Leite de Castro chorou. Clemência ped'u à D. Alice. Por fim, aos brindes todos bebemos; dos demais discursos, acho bem, não os gravemos.

Prosseguiu o baile, continuou a festa. Mas, o nosso Reitor não esteve pelos ajustes e disse serem horas d'a casa regressar pois sabem lá os meninos, o que hão-de os nossos pais pensar»... e já eram horam de jantar! E a Covilhã ficava longito. Estávamos, com efeito, na quinta de Carlos Eduardo, onde o gira-discos do Mariano deitava para fora músicas ao som das quais os presentes bailavam.

Quando tudo se aprontava para regressarmos à Covilhã, não sei como, de repente acho-me numa Igreja, na Capela-Mor, pegando numa bandeira da Mocidade e assistindo à Santa Missa. A homília o Senhor Padre Morgadinho diz o seguinte:

«Filiados da Mocidade Portuguesa:

Comemorais hoje o dia da M. P. E não quisestes passar sem ao altar de Deus, vir suas graças suplicar. Já ontem, à imitação dos cavaleiros medievais mostrastes o amor que a Deus dedicais numa velada ao Senhor dos Senhores.

Vós tendes de ser como esses gloriosos quarenta conjurados que há séculos ergueram a Pátria do túmulo em que a queriam sepultar. Deram liberdade a Portugal subjugado, mas antes, também como vós ajoelharam junto do altar de Deus e ao Céu imploraram protecção. A heroicidade de hoje, imitando os maiores de ontem está assim trilhando o caminho verdadeiro».

A missa terminou. Organizou-se um desfile com os filiados da M. P., levando, à frente tambores que rufavam cadencialmente, clarins que não tocavam, e bandeiras que a formatura engalanavam: assim em ar festivo começou a marcha. Mas eu, que ia na escolta das bandeiras não marchei. Olhei para trás e vi paisagens frondosas, cidades encantadoras, mas tudo à distância tudo à altura. Reparei que voava. Não era eu, era a ave que nas suas asas me segurava. De repente, caí das alturas e achei-me sentado no palco do Teatro-Cine. Ao meu lado o «velho Baptista» fazendo de venerável Reitor e o Bonina personificando um adepto da nova pedagogia.

Eu olhei para mim e perguntei-me:

— Que doidice!... Ah!... É a peça «Após a Ceia dos Professores»!!

Veio o café.

Vieram os charutos:

— Pode-se lá ser professor sem ter chumbado alguém!

Oh! se chumbei — recordava eu caríssimo colega — dizia ao Baptista — este (O Bonina) e defensor da nova pedagogia.

— Que porcaria. Não concordo. No meu tempo... — dizia o Baptista.

Depois veio o caso da rapariga que em pleno exame copiava.

— E copiava descaradamente — dizia o Bonina.

— Mas, sabem os colegas onde ela t'nha a cábula?

— ???

— Na liga!

Apareceram em cena as costureirinhas das quais recordo a encantante graciosidade da Alice André e da Tininha.

Aparecem danças de fadas e cantares do povo; por fim lá vem a vez de passarem os manequins.

Jorge Leitão faz um papelão e o Marinho pede mais «chupeta» enquanto a «Mãe» Baptista diz ao seu bebé para estar mais quietinho.

Terminou a festa. Vamos descansar.

Fui para a «cama» e não dormia. No acampamento sonhava. E do sonho à realidade pouco foi, pois, em breve eu aí estava almoçando no telheiro da Senhora do Carmo, depois de termos passado uma noite de horrorosa tempestade numas tendas onde era preferível dormir à chuva do que lá dentro. A tenda do dr. Leite de Castro e uma outra do Bordadágua, essas eram boas.

Depois do almoço desmontámos o acampamento e regressámos à Covilhã em camionetas de carga. O Silva que vinha connosco, começou a cantar o «Alerta», e de tal maneira que alertei mesmo, esfreguei os olhos e estava no 256, Campo Grande em Lisboa. Estava dormindo no meu quarto.

Deixei o mundo de sonhos e comecei a pensar naquilo a que pelo

(Continua na 13.ª página)

A um mosquito

Mosquito, amigo meu e companheiro
de vigílias de estudo enfadonhas,
tem cuidado insecto não me ponhas
irritado com esse zumbideiro.

Ai amigo, amigo! Toma cuidado
não me digas depois que tenho culpa,
minha paciência já não aguenta.
E continuas, bicho malcriado!

— Peço-te então muitíssima desculpa
se te esborrachei contra a sebenta...

Alberto Branquinho
(A.C.C.)

A. C. C. João Alves dos Santos Teixeira

Os rapazes do nosso Centro disseram «Presente!» na pessoa do A. C. C. João dos Santos Teixeira.

Arvorado do Centro, ele foi o primeiro filiado da nossa geração a ser chamado a cumprir o seu dever, defendendo a Pátria.

Ele é um dos muitos que em Angola dão a sua juventude e até a vida para que a Pátria continue íntegra.

João dos Santos Teixeira

Todos nós que com ele convivemos, nós que com ele colaborámos, ao vê-lo assim garboso e confiante, não deixaremos de lhe gritar:

«Alerta, João! Temos orgulho em ti!»

E ele, lá longe, ouvir-nos-á.

Nocturno

Eu quero qualquer coisa
que não posso precisar.

Não sei, mas sinto que deve ser
uma coisa impossível de querer.

Sinto nela a razão da vida,
o gosto do que se não pode definir,
o mistério do sobrenatural...

Não sei, mas julgo, por sentir,
que essa coisa não deve existir.

Alberto Branquinho
(A.C.C.)

Palavras do Comandante de Instrução

C. C. José Alberto Rolão Bernardo

Para substituir o C.C. Paulo Pais Proença nas suas funções de comandante de instrução, foi nomeado o C.C. José Rolão Bernardo. A Direcção do Centro confia, plena-

C.C. José Alberto Rolão Bernardo

mente, na acção do novo comandante de instrução, elemento de que pela colaboração até agora prestada e pelo entusiasmo que sempre mostrou pela M.P. muito há a esperar.

«Chama» publica na íntegra as palavras que o novo comandante de instrução proferiu na sessão de abertura das actividades e felicita-o pela sua nomeação.

Nunca pensei que sobre mim recaísse a honrosa missão de falar nesta Sessão Solene de Abertura das Actividades, pois foi com a maior surpresa que me vi escolhido a exercer as funções de Comandante de Instrução deste Centro Escolar.

Ao assumir, perante V. Ex.as, Senhores Directores, tão alta responsabilidade faço-o plenamente consciente das dificuldades que terei de enfrentar.

Em primeiro lugar ser-me-á muito difícil substituir o Comandante Cessante, esse graduado que soube ser o melhor de nós todos e ao mesmo tempo honrar o Liceu, conquistando no exame do 2.º ciclo classificação distinta.

O exemplo que nos deixou o Comandante de Castelo, Paulo Proença, não será decerto esquecido; a sua atitude de lealdade em todos os momentos ao espírito de Organização, às pessoas dos nossos Dirigentes, aos interesses superiores do Centro, não foi em vão.

Com ele aprendemos a Servir. E eu, embora reconhecendo que me faltam muitas dessas qualidades que são seu apanágio, procurarei imitá-lo no seu amor ao Centro na sua colaboração dedicada com os nossos Dirigentes, no interesse que sempre soube revelar em bem da Organização.

Senhor Director de Instrução:

quis V. Ex.ª honrar-me entregando nas minhas mãos o Comando de Instrução do Centro e eu aprendi com V. Ex.ª que os cargos da M.P., longe de serem lugares de honra, são antes de tudo posições avançadas da dura e ingrata batalha de *Servir*.

Recusar quando chamados ao desempenho duma missão, não é modéstia, é comodismo para não dizer mesmo traição ao espírito de Sacrifício que nos deve nortear em todas as acções.

Por isso, aceitei e desde este momento pode V. Ex.ª contar inteiramente com a minha melhor boa vontade da mesma forma que eu conto sem a menor dúvida de ser enganado, com a Orientação amiga e experiente de V. Ex.ª.

Senhora Subdelegada Regional da M.P.F.:

não podia, sem cometer grande falta, o Comandante de Instrução deste Centro deixar de saudar em V. Ex.ª a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.

Obrigam-me a isso vários motivos:

A simpatia e interesse que V. Ex.ª tem dedicado às actividades do Centro, a colaboração que as nossas colegas têm prestado a todas as nossas festas e Comemorações, o zelo tão cuidadoso o amor quase maternal com que V. Ex.ª tem preparado há tantos anos, gerações sucessivas de raparigas desta terra, vivendo os seus problemas, amparando-as nas suas dúvidas.

Além destas razões, uma outra acresce, minha Senhora, e que neste momento a todas se subleva.

O país está em guerra, guerra traiçoeira e injusta que nos foi imposta.

É o momento da juventude de Portugal mostrar o seu valor, de cumprir as obrigações dum sacrifício total que a sua História multi-secular lhe impõe.

Ao ver a alta noção de patriotismo da mulher portuguesa que sem esquecer um só segundo as suas afeições mais caras, sabe entusiasmar os seus entes queridos, que a defesa da Pátria chamou a longínquas províncias, ao ver como sabem viver em plena consciência a hora que passa, eu não quero deixar de saudar ainda em V. Ex.ª, Senhora Subdelegada, todas as mães de Portugal cujos filhos, maridos e irmãos combatem em África pela continuidade da Pátria.

Graduados e filiados da M.P. — vai começar um novo ano de actividades e como sempre acontece, são neste momento muitos os projectos e os planos que a Direcção e Comando de Instrução têm idealizados para o ano que hoje principia.

Procurar-se-á dentro das limitadas possibilidades do Centro dar, mais desenvolvimento à instrução geral e, se o tempo, sempre tão adverso, for este ano mais complacente, penso que as Actividades do Centro, como é tanto desejo do Sr. Reitor e nosso, terão um maior incremento. Confio para o bom desempenho do meu cargo, nos esclarecimentos sempre tão oportunos do nosso auxiliar José Bordadágua e faço vótos para que, não só no mês de Maio, mas em todos os outros, o tenho sempre a meu lado.

Confio igualmente na leal colaboração dos graduados e arvorados instrutores.

Certo de que com eles, interessados desde a primeira hora, alguma coisa se possa fazer e desejando que todos formemos em volta dos nossos Dirigentes, Directores de Centro e Instrução, uma verdadeira família onde não haja senão vontade de Servir.

Mal vai dum Centro em que a íntima ligação da Direcção e Comando se quebrou por culpa duns ou doutros mas que na verdade deixou de existir.

Todos perdem, ninguém lucra e no fim é a própria Organização a ficar diminuída e prejudicada.

Pela primeira vez, funcionará neste Centro uma secção nova — A das actividades voluntárias cujo comando foi entregue ao C.C. José Proença Mendes. Teve o Conselho de Centro em vista ao criar esta secção dar às Actividades Voluntárias maior vida e despertar mais interesse entre os filiados do 2.º ciclo.

Num Centro como o nosso em que a Secção Cultural ocupa sem dúvida o primeiro lugar, é natural que se deseje saber já, o que pensa o comando sobre o desenvolvimento que este ano se pensa dar e das iniciativas que julgamos poder levar a cabo. O novo chefe desta Secção é o Arvorado João Manuel Oliveira Martinho que acumula essas funções com a chefia da Redacção da «Chama» e da Secção Desportiva.

O nosso jornal continuará com a mesma orientação do ano passado, aberto a todos os alunos do Liceu e com uma página dedicada a todos aqueles que já de cá tendo saído, ainda se mantêm ligados espiritualmente à sua velha casa.

Conta a Secção Cultural com a boa vontade nunca regateada do nosso Reverendo Eclesiástico para poder levar a efeito as suas sessões de cinema educativo. Igualmente se prevê um novo ciclo de palestras de formação Corporativa e Nacionalista, bem como a Restauração dos Colóquios sobre temas da M.P. que há dois anos decorreram tão animados e no ano passado se deixaram de realizar.

Merecer-nos-á especial cuidado tudo o que disser respeito ao Conjunto Instrumental do Centro, obra erguida e que se mantém de pé, graças à vontade e dedicação sem limites do Sr. Prof. Rosa Soares.

É fora de dúvida, este conjunto Instrumental uma das mais educativas Actividades da Secção Cultural, e a sua projecção já há muito passou o âmbito da cidade. Todos nós sabemos que, com um pouco de esforço e sacrifício se poderá fazer mais e melhor. É esse *mais e melhor* que neste momento em nome dos filiados do Centro eu prometo a V. Ex.ª Sr. Prof. Rosa Soares.

Será ainda da competência desta Secção continuar as comemorações do 25.º ano da Mocidade Portuguesa inauguradas no ano passado pelo Senhor Reitor e Director deste Centro.

Nada mais teremos, que seguir o programa então traçado pelo Comandante de Castelo Paulo Proença exposto nas palavras que proferiu na Sessão Solene de Abertura das referidas Comemorações.

Com os poucos recursos que possuímos, estamos porém dispostos a marcar a nossa presença nos Campeonatos Regionais da Ala, pois muito longe do desejo de ganhar por ganhar, nos anima o pensamento de fazermos o melhor que pudermos pois bem sabemos que outra não desejam nem exigem de nós.

Senhor Reitor e Director do Centro: — eu queria sómente dizer duas palavras mas verifico que depois de ter roubado a todos V. Ex.ªs tanto tempo ainda muito me ficou por dizer. Que o meu comportamento futuro possa falar por mim naquilo que não disse e não me deixa mentir nalgumas afirmações que acabo de fazer. Ao iniciarmos este ano de Actividades, Senhor Reitor, por coincidência que me apraz referir, está a partir para Angola o nosso primeiro filiado deste Centro, a ser mobilizado para tão alto e honroso serviço.

Todos os rapazes do 4.º e 5.º anos conheceram ainda, o Arvorado João Alves dos Santos Teixeira, tão dedicado e exemplarmente cumpridor nas funções que desempenhou.

Deixou o Liceu em Junho de 1959 e não quis antes da sua partida ficar sem vir a esta casa matar saudades, abraçar bem os amigos.

A sua presença na guerra de Angola é a presença desta casa, é a presença deste Centro.

Hoje foi ele, amanhã poderá ser um de nós; mas o que importa é que aqueles que partirem saibam honrar em toda a linha a Pátria que os viu nascer, a Organização que os formou e os Mestres que os acompanharam nos seus primeiros passos.

Vice-Reitora do Liceu Nacional da Covilhã

Foi nomeada Vice-Reitora do Liceu Nacional da Covilhã a Senhora D. Judite Fitas da Cunha Martins, Subdelegada Regional da M.P.F.

A Senhora D. Judite Fitas, a mais antiga professora do nosso Liceu e que à educação da juventude covilhanense tem dedicado o melhor do seu carinho, ganhou há muito a estima e a amizade de todos aqueles, pais e alunos, que consigo contactaram.

«Chama» felicita a Senhora Vice-Reitora a quem cumprimenta respeitosamente.

MOVIMENTO

INSTRUTOR DE TIRO

Foi nomeado Instrutor de tiro do Centro o antigo filiado Dr. José Martins da Fonseca.

CONSELHO DE CENTRO

O Conselho de Centro terá a seguinte constituição, no decorrer deste ano:

Comandante de Instrução C. C. José Alberto Rolão Bernardo

Chefe da Secção de Secretaria A. C.C. José Alberto Camolino e Sousa

Chefe das Secções Cultural e Desportiva A.C.C. João Manoel Oliveira Martinho

Chefe da Secção de Camaradagem C. C. José Proença Mendes

Chefe da Secção de Material A. C. C. João António Esgalhado de Oliveira.

Chefe da Secção de Saúde A. C. C. José Manuel Gil Barreiros.

Chefe da Secção de Tesouraria A. C. C. Francisco José Botelho Roseta

Chefe da Secção «Amigos do Centro» A. C. C. Rui Cavaca Marcos.

ACTIVIDADES VOLUNTARIAS

Foi nomeado Comandante das actividades voluntárias o C. C. José Proença Mendes.

BIBLIOTECARIO

Foi nomeado bibliotecário o A. C. C. José Hermínio Paulo Rato Rainha.

INSTRUÇÃO

I — Curso Chefes de Quina
Foi nomeado Comandante do Curso de Chefes de Quina o C. C. Jorge da Conceição Ferreira.

II — Comando dos Castelos
Foram nomeados Comandantes dos diferentes castelos os filiados:

1.º Castelo — A. C. C. Francisco José Botelho Roseta.

2.º Castelo — A. C. C. José Alberto Camolino e Sousa

3.º Castelo — C. C. José Alberto Rolão Bernardo

4.º Castelo — C. C. José Proença Mendes

5.º Castelo — (2.º ciclo) C. C. Jorge da Conceição Ferreira.

AJUDANTE DO DIRECTOR DE CENTRO

Foi nomeado ajudante do Dr. José Abrantes da Cunha, Director do Centro Escolar n.º 2, o C. B. Manuel da Silva Esteves.

SERVIÇOS DE ESTÉTICA E AEROMODELISMO

Foi nomeado chefe de todos os Serviços de Estética e Aeromodelismo o C. C. José Orlando Pereira de Carvalho.

CAMPANHA DE S. JORGE

A Direcção da Campanha de S. Jorge, depois de reorganizada, ficou assim constituída:
Presidente — Director de Centro, Dr. José Abrantes da Cunha
Secretário — A. C. C. João Manoel Oliveira Martinho.
Tesoureiro — A. C. C. Luís Cruz Carneiro.

JOÃO ALVES DOS SANTOS TEIXEIRA

A Secção de Camaradagem organizou uma campanha no Liceu Nacional da Covilhã com o fim de recolher lembranças a serem enviadas ao nosso antigo filiado em serviço em Angola.
A campanha decorreu no meio do maior entusiasmo.

SALA DO FILIADO

Foi nomeado encarregado da Sala do Filiado o C. C. Jorge da Conceição Ferreira.

FESTA DO NATAL

Prepara-se a Festa do Natal. O Centro tem em organização um Concurso de Presépios, Jogos Florais e uma recolha de donativos para serem distribuídos pelos pobres da cidade.

NOVOS ARVORADOS

Foram promovidos a Arvorados pela O. S. n.º 3 da Delegação Distrital os Chefes de Quina:
Jorge Manuel Matos Mendes Marques
Carlos Manuel Torres Vieira Santos
Francisco Alberto Pais Seco de Oliveira.

CLASSIFICAÇÃO DA PROVA «CARNEIRO PACHECO»

VANGUARDISTAS

1.º — 1.ª equipa comandada pelo A.C.C. José Flávio Martins.
2.º — 2.ª equipa comandada pelo A.C.C. Rodolfo da Silva Pinto.
3.º — 3.ª equipa comandada pelo C.Q. António Maria Cruz Neves.

INFANTES

1.º — 3.ª equipa comandada pelo C.Q. Manuel Alegria Ribeiro.
2.º — 4.ª equipa comandada pelo C.Q. José Lopes Teixeira.
3.º — 1.ª equipa comandada pelo A.C.C. Pedro Mangana Monteiro.
4.º — 2.ª equipa comandada pelo A.C.C. José Manuel Fazendeiro.

Dona Clementina de Jesus Bernardo Panarra

Depois dum longo sofrimento vivido com a mais exemplar resignação Cristã faleceu na sua Casa do Alvendre a Sr.ª D. Clementina de Jesus Bernardo Panarra, mãe do nosso Professor e Director Adjunto da Casa da Mocidade A.Q.G., Dr. Fernando Panarra.

No funeral da bondosíssima senhora incorporou-se uma representação da Casa da Mocidade e do Centro Escolar n.º 2.

«Chama» apresenta a toda a ilustre família enlutada a manifestação mais viva do seu sincero pesar.

A Direcção da Casa da Mocidade mandou celebrar missa de 7.º dia sufragando a alma da Sr.ª D. Clementina de Jesus Panarra.

Serviços de Publicações da Mocidade Portuguesa

Já no nosso número anterior aconselhámos algumas edições dos nossos Serviços de Publicações.
Hoje indicamos mais algumas obras cuja leitura recomendamos a todos os filiados:

Amor da Pátria
Campismo Educativo
Chama da Mocidade
As quatro certezas da Mocidade
O Desporto no pensamento e na palavra de Pio XII
D. Bosco
Escola de Chefes
Fundamentos da presença de Portugal na India
Lições de jogos para a juventude
Os filhos da Lua
A ilha dos homens perfeitos
George Kosiak
Nas Montanhas Rochosas
Pensamento e acção de Mousinho de Albuquerque
Tronco em flor

Solução das Palavras Cruzadas

Horizontais — 1 — Recatar; 2 — levar; 3 — assevera; 4 — tio; 5 — I.R.L.; 6 — Coa; cá; 8 — acarretar; 9 — can; 10 — desossara.
Verticais — 1 — Ald.; 2 — as; sic; 3 — ELS; 4 — cesticerco; 5 — Aveiro; rãs; 6 — tavolagens; 7 — are; 8 — clã; 9 — má; ria.
Notas: — I — O Instituto Regional de Lisboa foi criado por despacho superior, por necessidade de cruzamento de palavras.

"Diário de Coimbra"

O «Diário de Coimbra» de 9 de Dezembro passado, pela pena do seu correspondente e nosso amigo Nunes Torrão, publicou uma amável referência à «Chama» que muito agradecemos e com o maior gosto vamos transcrever:

«CHAMA» — PROVA DE VITALIDADE E ACÇÃO

Saiu mais um número — o quinto — do jornal «Chama» que sob a direcção do dr. Leite de Castro se vem publicando no nosso Liceu, como propriedade do Centro Escolar n.º 2 que ali funciona.

Para além duma louvável prova de vitalidade e acção, o jornal «Chama», com algumas secções destinadas aos jovens e com boa colaboração dos filiados, é uma escola de jornalismo sádio, pleno de vigor, objectividade e sã doutrina.

Com um esplêndido aspecto gráfico, «Chama» vem sendo um jornal em pleno florescimento.

Da tentativa de ontem à certeza que é hoje — como elemento de valorização dos filiados do Centro que o edita e dos estudantes do nosso Liceu — foi um passo breve, mas firmado na directriz segura do seu director e do corpo redactorial que nele põe todo o seu carinho e saber.

A amável oferta que nos foi feita mrece um agradecimento — mas esse compete igualmente, e com dobradas razões, à cidade e aos pais dos filiados e alunos, pelo que em si representa na educação e formação da nossa juventude.

Por tudo, bem hajam o seu Director e os seus mais directos colaboradores — os jovens estudantes, alfobre de jornalistas com que há que contar para a dignificação duma missão e profissão tão bela como ingrata e difícil.

Nunes Torrão

Nova Direção da Casa da Mocidade

O Director da Casa da Mocidade A.Q.G. Dr. Leite de Castro que se encontrava acompanhado do seu Adjunto A.Q.G. Dr. Fernando Panarra deu posse à nova Direcção da Casa da Mocidade que ficou assim constituída:
Presidente — C. B. António Diamantino Gonçalves
Vice-Presidente — C. B. Vítor Manuel Freire Boga
Secretário — A.C.C. Alberto Augusto A. Branquinho.
Tesoureiro — C. C. João Ernesto Pinto da Silva
Vogais — C. C. José Alberto Rolão Bernardo, C. C. José Proença Mendes, A. C. C. João M. Oliveira Martinho.

«Chama» deseja a todos os membros da nova Direcção da Casa da Mocidade as maiores felicidades e desde já coloca as suas colunas completamente ao seu dispor.

ROMAGEM DOS ANTIGOS

O Director de Centro com os Dirigentes e Filiados presentes na Romagem do dia 25

O dia 25 de Novembro foi um dia de festa para a família do C. E. n.º 2.

Mais uma vez se abriram as portas do nosso Centro para receber os antigos graduados e chefe de secção, antigos colegas nossos que noutras terras e noutros Centros conservam ainda bem vivo o amor e a saudade pela Casa e pelos Dirigentes em que iniciaram as suas lides escolares e que os acompanharam nas primeiras actividades da M.P..

A Secção de Camaradagem, organizadora destas romagens, recebeu daqueles que não puderam comparecer cartas que bem patentearam a pena pelos fortes motivos invocados para justificar a sua ausência. Em todas elas transparecia a lembrança mais viva dos tempos passados ao serviço no C. E. n.º 2, desse Centro que muitos deles ajudaram a formar e ampararam dedicada e devotadamente nos seus primeiros passos.

Assim, embora nem todos os antigos estivessem presentes, nós podemos afirmar com verdade que ninguém faltou à chamada, pois todos, ou pela sua vinda à Covilhã, ou pelas palavras que nos dirigiram afirmavam bem alto e bem do coração, a sua presença ao nosso lado.

Filiados da Guarda, de Castelo Branco, do C. E. n.º 1 e do C. E. n.º 2 desta Ala e o primeiro comandante deste Centro, C. G. Joaquim Alves Baptista, actual aluno da Universidade de Lisboa, e o C. C. Paulo Proença, Comandante de Instrução e Chefe da Redacção da «Chama» durante o ano passado e presentemente aluno do Liceu de Setúbal, vieram nesse dia até nós mostrando mais uma vez o grande espírito de união que reina entre todos aqueles que um dia serviram a M. P. no C. E. n.º 2.

O C.G. Joaquim Baptista oferecendo em nome de todos uma lembrança ao Director de Centro

Não puderam os antigos deixar de nesse dia acompanhar o nosso A. G. G. Dr. Leite de Castro, por motivo da passagem das suas bodas de prata nas fileiras da Organização, a que já nos referimos noutro lugar. E assim à missa de acção de graças que se celebrou em S. Francisco, estiveram presentes muitos dos nossos «velhos».

Pelas 19 horas começaram a chegar ao Liceu os actuais graduados e chefes de secção, tendo pouco depois começado a aparecer todos aqueles que anteriormente desempenharam as mesmas funções e hoje se deslocaram ao C. E. n.º 2 para matar saudades, para afirmar ao seu Director que podia continuar como sempre a contar com o seu concurso no que desejasse, para entusiasmar os novos com o seu exemplo, com a sua palavra, com a sua presença. Estiveram, igualmente presentes os membros da Direcção da Casa da Mocidade.

Dão-se os primeiros abraços, o Liceu anima-se com as primeiras gargalhadas, vivem-se momentos de sã e verdadeira alegria.

Recordam-se tempos passados, lembram-se peripécias, evocam-se amigos ausentes. É na verade um verdadeiro encontro de família. Connosco confraternizam os Dirigentes do Centro, A.Q.G. Dr. Leite de Castro, o Assistente Religioso, o Arquitecto Proença, o Prof. Rosa Soares e o A.I. José Bordadágua.

As 19 e 30 acompanhado pelo chefe da secção de Camaradagem, C. C. José Proença Mendes e pelo C. B. Manuel Esteves entrou na Sala da Biblioteca o Director de Centro que foi recebido com uma vibrante e entusiástica salva de palmas.

Em nome de todos os antigos e actuais filiados presentes e representando os que por motivos de força maior não se puderam deslocar à Covilhã, o C. G. Joaquim Baptista, primeiro Comandante de Centro, saudou o sr. Dr. Abrantes da Cunha a quem agradeceu que mais uma vez abrisse as portas do Liceu e recebesse tão familiarmente todos aqueles que noutras terras estudam e trabalham, mas dentro de si conservam e mantêm uma terna recordação, uma saudade sincera pelo tempo que aqui passaram. Dirigindo-se aos novos exortou-os a continuarem a servir com dedicação e amor o Centro, que ele e outros colegas encaminharam nos seus primeiros passos.

Em nome de todos o C. G. Joaquim Baptista ofereceu ao Director de Centro uma pequena lembrança desta tão simples, mas tão sincera Romagem dos Antigos ao C. E. n.º 2.

O Sr. Dr. Abrantes da Cunha agradeceu, depois, a lembrança e as palavras do Joaquim Baptista dizendo-lhe da sua alegria por ver de novo no Liceu os antigos graduados e chefes de secção deste Centro, rapazes sempre vivos no seu coração, presentes na sua lembrança. Fez votos para que estas romagens continuem, pois elas são um maravilhoso elo de união entre antigos e actuais e mais do que as palavras podem concorrer para o desenvolvimento dum verdadeiro espírito de família entre todos os filiados do Centro.

O A.Q.G. Dr. Leite de Castro com os «Antigos» presentes à romagem de 1961

Pelas 20 e 30 teve lugar no «Solneve» um jantar de camaradagem a que presidiu o Dr. Abrantes da Cunha, Director do C. E. n.º 2, em que tomaram parte os Dirigentes do Centro, os antigos e actuais graduados e chefes de secção.

Aos brindes falaram o Director de Centro, o Assistente Religioso, Padre José Baptista Fernandes, os C. B. Mário da Silveira Pinheiro e Manuel Esteves, os C. C. Augusto Gomes Martins, Rolão Bernardo e Proença Mendes, tendo ainda usado da palavra em seu nome e no do antigos ausentes o C. G. Joaquim Baptista. Por último o A.Q.G. Dr. Leite de Castro agradeceu as referências amigas que lhe foram dirigidas ao longo do dia e dirigiu aos filiados presentes uma breve exortação patriótica e de fé nos destinos da M.P..

O Director da «Chama» com antigos e actuais filiados que o cumprimentaram pelos 25 anos na MP

O Director de Centro agradecendo os cumprimentos

A confraternização entre a família do C. E. n.º 2 continuou pela noite fora, tendo-se vivido horas inesquecíveis de boa e sã camaradagem.

Há já cinco anos que se realiza esta pequena reunião e todos fazemos votos para que se não quebre este espírito de amizade que todos os anos traz ao Liceu da Covilhã alunos distantes mas em quem vive ainda a saudade e a recordação do tempo que por aqui andaram.

Até ao ano, se Deus quiser.

João M. Oliveira Martinho
(A.C.C.)

O C.G. Joaquim Baptista cumprimenta o Director de Centro

C. C. Paulo Pais Nunes Proença

Em virtude da sua transferência para o Liceu de Setúbal, teve de abandonar a chefia da Redacção da «Chama», o C. C. Paulo Pais Proença.

O que foi a acção neste jornal do Paulo Proença ficou bem patente nos números anteriores, em grande parte obra sua e só possível pelo seu dinamismo, boa vontade e zelo sempre comprovados.

O C. C. Paulo Proença foi um dos principais colaboradores da «Chama» desde o seu primeiro número, tendo assumido a chefia da Redacção nas horas difíceis para a vida do nosso jornal que antecederam a publicação do n.º 3.

Por mais de uma vez reconheceu o Director de Centro o trabalho e a acção do Paulo Proença, a quem concedeu no fim do ano de actividades 1960-61 justo e merecido louvor.

Como Comandante de Instrução e Chefe da Secção Cultural, deu o C. C. Paulo Proença a melhor colaboração à Direcção do Centro, que com a sua partida para Setúbal perde o concurso dum graduado de raras qualidades morais e de excepcional espírito de sacrifício.

Aluno distinto, terminou o 2.º ciclo com a média de 16 valores e ao longo dos cinco anos que frequentou o Liceu Nacional da Covilhã, soube sempre impor-se pelo seu exemplo, ganhando a estima dos professores e a amizade dos colegas.

O Dr. Catanas Diogo, Delegado Distrital da M. P. louvou recentemente o C. C. Paulo Proença em O. Serviço da Delegação, dando-lhe assim um justo prémio pela sua acção no C. E. n.º 2.

L. C.

Comando Distrital

Foi nomeado Comandante Distrital o C. B. José Manuel da Cruz Henriques, um dos graduados mais antigos desta Ala e espírito inteiramente devotado à causa da M. P.

«Chama» felicita o novo Comandante Distrital e, certos de que saberá bem cumprir as suas funções, todos lhe oferecemos a melhor e mais leal colaboração.

O C. B. Cruz Henriques sucede no seu actual cargo ao C. B. Vítor Freire Boga que pela Mocidade nunca regateou sacrifícios, servindo-a há anos com devoção e entusiasmo invulgares.

Aos Comandantes de Bandeira Cruz Henriques e Vítor Boga foi concedida no dia 1 a medalha de assiduidade, justo prémio do seu trabalho nas nossas fileiras.

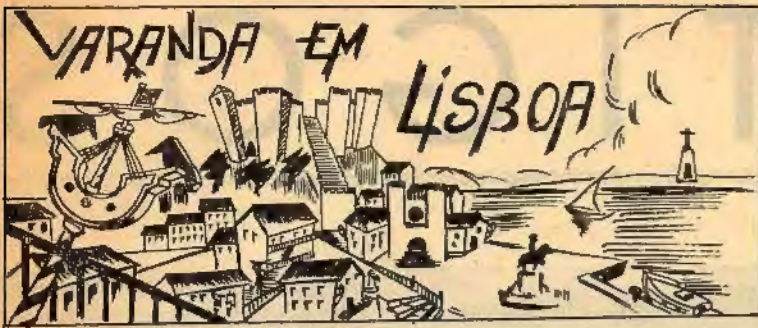
Dr. José Ranito Baltazar

Tem-se encontrado doente o Sr. Dr. José Ranito Baltazar, amigo honorário do nosso Centro.

«Chama», bem como todos os dirigentes e filiados do C. E. n.º 2 fazem votos pelo seu rápido e completo restabelecimento.

Subdelegado Regional da M.P.

Tem continuado doente o Sr. Engenheiro Ernesto de Campos Melo e Castro, Subdelegado Regional da M. P. na Ala da Covilhã.

«Chama» que sempre recebeu de Sua Excelência palavras de simpatia e incitamento, faz sinceros votos pelo seu breve e pronto restabelecimento.

1 — *NOVIDADES*

Apesar do tempo ter passado não há, pràticamente, nada de novo nos meios M.P. da Capital. Espera-se algo renovador por parte dos Dirigentes que no fim do verão passado assumiram altos cargos da Organização.

Assistiu-se a uma completa remodelação no sector Universitário, que por inesperada, nos leva a concluir haver intenção de modificar a estrutura daqueles Centros. Esperamos que daí só resulte algo de positivo, para bem dos estudantes, das escolas superiores e da M.P.

Para nós, Filiados, tem interesse conhecer aqueles que em 1 de Dezembro próximo receberam as insígnias correspondentes à promoção ao mais alto posto entre os graduados. Muito se espera deles, não só pelos que subsistituem, como também pelo que há a fazer: Ascensão, Sardinha e Teles são graduados muito antigos e competentes. Não avaliamos da sua capacidade pois a promoção é causa justificativa. Estamos certos de ir encontrar neles o que necessitamos na medida em que certamente se disporão a nos ajudar: os seus conselhos ser-nos-ão muito úteis, pois se algo os distingue dos outros isso é a categoria pessoal. Se em qualquer graduado não são as insígnias que o impõem muito menos isso acontece em graduados que atingem tal posição — pela sua vida passada tudo nos leva a crer que estão prontos a não desistir do rumo a que se propuseram: não haverá obstáculo para os deter.

Alberto Ascensão é o novo director do «Talha Mar», Sardinha trabalha no Centro Universitário de Lisboa, Teles de Almeida é graduado dum Centro Escolar e da Divisão de Lisboa.

Os filiados da Covilhã ficam assim a conhecê-los e se precisarem dirijam-se-lhes que vossos problemas serão resolvidos.

2 — *MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS*

É do desconhecimento de muita gente, mesmo da que tem responsabilidades, a evolução dos movimentos de estudantes e não estudantes, que pretendem fundar Associações Académicas nos Liceus. Embora pareça o contrário, tais «Pré-Associações» não têm estado quietas e, a continuar no ritmo actual muito em breve atingem os seus propósitos. Não nos admiramos da sua acção; o que nos espanta é a passividade em que nos colocamos. Presentemente a M. P. só tem razão de ser no ensino secundário, pois que tanto no primário como no superior o nível actual não convence ninguém. Se tais «movimentos» concretizam os seus fins, qual o papel da nossa Organização perante os estudantes? A nosso ver sucederá nos Liceus o que hoje se passa nas Universidades. Isto porquê? Porque será que os estudantes preferem aquelas Associações à nossa Organização? Será porque aquelas não serão militares? — nós também o não somos. Será porque não têm religião? — nós também a não temos. Será por serem inteiramente dirigidas «por jovens» e «para» jovens?—nós também o somos. Qual será então a razão?

Estará na obra por nós realizada desde que somos Organização Nacional.

Deixemos isto e regressemos ao que por agora nos interessa: há que estar prontos a lutar pois os nossos ideais são justos e é só para eles que vivemos. Esta foi, aliás, a palavra de ordem do Subsecretário de Estado da Educação Nacional quando em Leiria encerrou o IV Encontro de Graduados. Estudemos portanto a nossa posição e enfrentemos os adversários.

Uma coisa é preciso: ter cuidado com os meios a usar.

M. G.

A.Q.G. Dr. António Malcata Julião

Num dos últimos contingentes que partiram para o Ultramar, embarcou para Angola o A.Q.G. Dr. António Malcata Julião, que na nossa divisão exerceu com muito aprumo, dignidade e zelo o cargo de Director do Centro Escolar n.º 1 da Ala de Castelo Branco.

Elemento devotadíssimo à causa da Mocidade desde os bancos da escola, duma formação íntegra que sempre soube colocar o interesse nacional acima de tudo o mais, o

Dr. Malcata Julião foi na sua vida de professor e dirigente o que já tinha sido quando estudante de Coimbra — um carácter e uma personalidade.

A divisão de Castelo Branco muito lhe ficou a dever como justamente reconheceu o Delegado Distrital ao louvá-lo recentemente pela sua acção e colaboração dedicadíssimas.

Durante o ano passado dirigiu com brilho e competência o «Luzeiro», órgão do Corpo Distrital de Graduados, e foi o grande entusiasta das visitas de camaradagem entre os nossos Centros.

«Chama» não pode esquecer o trabalho do Dr. Malcata Julião e deseja-lhe as maiores felicidades na difícil e honrosa missão a que foi chamado em serviço da Pátria.

A Ala da Covilhã comemorou o dia da M.P.

No passado dia 1 realizou-se com o brilho tradicional a comemoração do dia da Mocidade.

A concentração dos filiados fez-se junto ao Liceu Nacional tendo assumido o comando da formatura o C.C. Mário de Carvalho Tomé, Comandante do C.E. n.º 3. Daí dirigiram-se para a igreja de Santa Maria Maior, onde se ia celebrar a Santa Missa.

Pelas 9 e 45 chegou a Santa Maria o Sr. Dr. José Abrantes da Cunha, representante do Subdelegado Regional, acompanhado do Director da Casa da Mocidade, A. Q. G. Leite de Castro, A. I. José Borda d'Água e o Prof. Rosa Soares, Regente do Conjunto Instrumental do C. E. n.º 2.

A bandeira Nacional foi içada solenemente, tendo os filiados entoado a Marcha da M. P.

Antes do início da Santa Missa cantou-se o Hino da Restauração e à homília o reverendo pároco de Santa Maria Maior, A.Q.A.R., Padre José Baptista Fernandes proferiu uma vibrante oração de grandes ensinamentos religiosos e de amor patriótico.

A M.P.F. estava representada pela Subdelegada Regional Sr.ª D. Judith Fitas da Cunha Martins, pela Sr.ª D. Fernanda Bandeira Meireles, Directora do C.E. n.º 2 e muitas filiadas.

No altar-mor prestaram guarda de honra formações da M.P. e da M.P.F.

Os filiados dirigiram-se depois em formatura para a Casa da Mocidade, tendo o representante do Subdelagado e o Director da Casa da Mocidade assistido ao desfile na placa central da Praça do Município.

Pelas 11 horas e 30 minutos teve lugar na Casa da Mocidade uma curta sessão para imposição de insígnias e entrega de medalhas a novos arvorados e aos vanguardistas e infantes que realizaram a sua prova de aptidão. Foram, igualmente, entregues dois prémios a filiados do C. E. n.º 1 por trabalhos apresentados no último Salão de Estética.

De tarde realizou-se no C. E. n.º 2 uma sessão solene a que presidiu em representação do Sr. Presidente da Câmara o Vereador Sr. José de Morais Alçada.

Depois o Sr. Reitor do Liceu e Director do Centro ter proferido a brilhante oração que publicamos em fundo foram distribuídos os prémios escolares aos melhores alunos do ano passado.

O Director e o Chefe de Redacção da «Chama», órgão do C. E. n.º 2, que tem procurado sempre ser um elemento de verdadeira ligação entre todos aqueles que servem na M.P., ofereceram um almoço a três graduados representantes dos Centros desta cidade.

A. C. C. João Manoel Martinho

Assumiu a chefia da Redacção da «Chama» o A.C.C. João Manoel Martinho, que nos anos anteriores desempenhou com muita dedicação e zelo as funções de chefe das secções Desportiva e de Material.

O seu interesse por tudo o que diz respeito ao Centro e à causa

A. C. C. João Manoel Martinho

da M. P. há muito que indicavam o seu nome para o desempenho da nova missão.

Sempre nos habituámos a ver no João Manoel Martinho o primeiro em todas as actividades, contagiando-nos com a sua alegria e entusiasmo peculiares.

A Instrução Geral tem dado nos anos anteriores a melhor colaboração, tendo-se sobretudo revelado durante os acampamentos «Infante D. Henrique» e «Maciel de Chaves», que muito lhe ficaram a dever.

O novo chefe de Redacção da «Chama» exercerá igualmente ao longo do corrente ano funções de chefe das secções Cultural e Desportiva.

O A.C.C. João Manoel d'Oliveira Martinho foi nomeado vogal da Direcção da Casa da Mocidade tendo a seu cargo os assuntos culturais.

A Direcção confia plenamente que o A.C.C. João Manoel Martinho será um digno continuador do C. C. Paulo Proença e que a «Chama» nas suas mãos continuará a bem servir o Centro e a M. P.

L. C.

Despedida do C. B. Mário da Silveira Pinheiro

O Director de Centro aponta aos filiados do C. E. n.º 2 o exemplo do C. B. Mário Pinheiro

No dia 29 de Novembro deixou de prestar serviço neste Centro por ter ingressado na aviação o C. B. Mário da Silveira Pinheiro.

Depois de ser ausentado 2 anos durante os quais exerceu o comando do Centro Escolar n.º 3 regressou de novo à «velha casa» onde dirigentes e filiados o receberam com a maior alegria.

«Chama» já no número anterior se referiu à colaboração que este ano o Centro iria ter no C. B. Mário Pinheiro e como sempre contou com a sua ajuda e colaboração associa-se à homenagem de despedida, tão simples mas tão tocante, tão desprovida de formalidades mas tão sincera que lhe foi prestado no Centro Escolar n.º 2.

Na sala do filiado reuniram-se no passado dia 29 o Director de Centro, Director de Instrução, o prof. Rosa Soares, regente do nosso conjunto instrumental e o A. Q.G. Dr. Leite Fernando Panarra, Director Adjunto da Casa da Mocidade e representante da sua direcção.

Estavam igualmente presentes o comandante de instrução C.C. Rolão Bernardo, o chefe da secção de camaradagem, C.C. Proença Mendes e o chefe da redacção da «Chama».

Impossibilitados de comparecer, pediram para ser representados o A.Q.A.R. do Centro Padre José Baptista Fernandes e o A.I. José Bordadágua.

Falou em primeiro lugar o director de instrução e Adjunto do Centro, A.Q.G. Dr. Leite de Castro que se referiu à acção do Mário Pinheiro não só como graduado do Centro, mas também pela colaboração que noutros sectores sempre soube dar à M.P. A terminar agradeceu-

O Director de Instrução A.Q.G. Dr. Leite de Castro agradece a colaboração do C. B. Mário Pinheiro

-lhe dum modo muito especial todo o serviço prestado a este Centro durante os meses de Outubro e Novembro em que mais uma vez revelou interesse, competência e zelo.

O comandante de instrução C.C. Rolão Bernardo, falou depois em nome de todos os filiados e nas suas breves palavras testemunhou claramente a mais profunda e sincera gratidão por tudo o que ficava a dever à dedicação e entusiasmo do Pinheiro, principalmente na realização da prova «Carneiro Pacheco».

O Director do Centro teve para o nosso antigo colega as palavras mais amigas e mais justas e visivelmente impressionado apontou-lhe o caminho da honra e do dever exortando a que fosse na Força Aérea aquilo que tinha sido na M.P. — dedicado, abnegado, leal, franco, pronto a servir em todas as missões, enfrentando todos os riscos.

Felicitou-o por voluntàriamente se ter oferecido para tão alto serviço e terminou afirmando-lhe que estava plenamente convencido que o Pinheiro saberia corresponder às esperanças que todos nele depositavam.

O Sr. Dr. Abrantes da Cunha entregou depois ao C.B. Mário Pinheiro, lembranças do Centro, da Casa da Mocidade e do Rev.º Assistente Eclesiástico.

Em duas palavras o nosso Pinheiro agradeceu e despediu-se tendo anteriormente à sua partida da Covilhã passado pela Redacção da «Chama» onde lhe foi oferecido uma colecção de livros sobre a Aeronáutica.

Aos filiados do Centro Escolar n.º 2 não passará desapercebida a atitude do Pinheiro a quem todos acompanham, sentindo por um lado a saudade dum colega que parte e por outro o justo orgulho do seu exemplo.

João Manoel Martinho
(A.C.C.)

Bispo da Guarda

O Sr. D. Policarpo da Costa Vaz recebeu no Paço Epicospal da Guarda o Director e Chefe da Redacção da «Chama» que estavam acompanhados do C.C. Mário de Carvalho Tomé, colaborador da «Tribuna dos Antigos» e pelo chefe da Secção de Camaradagem do C. E. n.º 2, C.C. José Proença Mendes.

O A.Q.G. Dr. Leite de Castro ofereceu a Sua Excelência Reverendíssima uma colecção da «Chama» que o Senhor D. Policarpo muito apreciou.

O Senhor Bispo da Guarda felicitou todos os que trabalham no nosso jornal certo que o verá sempre na defesa dos princípios e direitos de Deus e da Pátria.

Ciclo de palestras sobre temas da M. P.

Integrado nas Comemorações dos 25 anos da M.P. vai o C. E. n.º 2 levar a efeito a realização dum ciclo de palestras sobre temas da M.P. que será superiormente dirigido pelo A.Q.G. Dr. Leite de Castro.

Espera-se a colaboração activa dos nossos filiados, a quem compete principalmente a sugestão dos temas que desejam ver tratados.

Este Ciclo foi inaugurado no dia 25 de Novembro pelo nosso Director Adjunto que falou sobre o tema «Fidelidade aos princípios».

Assistiram a esta palestra os «antigos» que nesse dia faziam ao Centro a sua romagem de saudade, e que assim tiveram oportunidade de ouvir mais uma vez o Dirigente junto de quem iniciaram os primeiros passos para que o C. E. n.º 2 da Ala da Covilhã seja hoje aquilo que é.

O C.B. Mário Pinheiro despedindo-se dos Dirigentes e Filiados do C.E. n.º 2

A entrega de algumas lembranças

Presença actual da Revolução do

(Continuação da 1.ª página)

pendiam-se as vítimas. E tudo isto invocando sempre a famosa «liberdade».

«Ventos da história» chamam ingènuamente alguns a esta ética moderna, a esta mentalidade actual. Chamar-lhe-íamos mais pròpriamente «furacão de insânia» dos homens que esquecem ser a História resultado da própria vontade do ser humano.

Herdamos dos nossos maiores um determinado teor de vida, um certo número de noções sobre honra, dignidade, dever. Pretende-se agora serem falsos e errados todos esses princípios em defesa dos quais se verteram tantas lágrimas, se derramou tanto sangue ao longo dos séculos. A verdade, dizem-nos, não está naquilo que os nossos pais nos ensinaram e que já lhes havia sido ensinado pelos pais dos seus pais.

Na verdade, eles ensinaram-nos que a liberdade residia na possibilidade de vivermos e trabalharmos dignamente como e onde quiséssemos. Agora, porém, chama-se liberdade ao erguer de altos muros, ao semear florestas de arame farpado que obstem à comunicação humana.

Revoltaram-se os homens, há ainda apenas duas dezenas de anos, contra os «campos de concentração», nota hedionda dos tempos modernos. Revoltaram-se, e muito justamente. Em cada um desses campos, porém, havia vários milhares de seres humanos. Hoje, todavia, os super-civilizados, os apóstolos da moderna liberdade estabelecem campos de concentração para nações inteiras, tolhem os movimentos a milhões de seres, e não há coragem que impeça tal barbaridade. Parece que os tais «ventos da história» varreram deste planeta a energia, a coragem e o pundonor.

Aprendemos dos antepassados que a liberdade nos dava o direito de vivermos segundo as nossas tradições, com os nossos cultos e de convivermos com todos os seres humanos da nossa eleição, com eles estabelecendo laços de simpatia e amizade. Hoje querem impor-nos determinados padrões de vida, pretendem forçar-nos a abandonar as nossas crenças, esforçam-se por trocar a amizade pelo ódio nas relações com os nossos semelhantes. Espalha-se o ódio entre as nações e entre os homens da mesma nação.

Invocando a «liberdade», proíbe-se ao branco que viva em África e mal se tolera que o preto esteja na América.

Com a mesma palavra «liberdade» se pretende impor o abandono à sua miséria e primitivismo de povos ainda bárbaros, ao passo que se subjugam com pulso de ferro povos, ainda livres há duas dezenas de anos com um estado de alta cultura e de civilização já secular.

Invocando a «liberdade», se tem imposto a independência de povos e a anexação de outros. A mesma «liberdade» é invocada para impor uma independência que ninguém solicita para os habitantes de Cabo Verde—ilhas que descobrimos despovoadas e que nós povoámos — ao mesmo tempo que pretendem subjugar a uma potência estranha os povos da nossa India com quatro séculos de língua, cultura e tradições portuguesas.

Em nome da liberdade assassinam-se pelas costas os que fogem do Oriente para o Ocidente, matam-se e torturam-se, com requintes de bárbara crueldade, velhos, mulheres e crianças dessa mártir província de Angola.

Não há dúvida, o mundo anda às avessas. Já não admira, pois, que se pranteie a morte de um assassino e, com o silêncio, se aprove o morticínio de um justo.

Chacinaram-se com requintes de bestial barbaridade de portugueses indefesos e inofensivos de Angola: muito recentemente treze aviadores italianos, em missão de paz e auxílio ao Congo, ali foram chacinados — há até quem afirme que voraz e gulosamente devorados — e, pouco eco tiveram essas mortes no frio palácio de vidro da O.N.U.. Ao contrário, que de rios de lágrimas, que de soluços históricos, que de indignados protestos aquando da morte de Lumumba, responsável pelo massacre de milhares de vítimas de todas as idades, sexos, raças e condições sociais!

Eis por quê afirmei ser oportuna a lição de verdadeira liberdade dada por esses quarenta heróis de 1640, que, com o seu exemplo, arrastaram atrás de si todo o povo português.

A palavra «patriotismo» e o sentimento que nela se encerra vem sofrendo, igualmente, de distorções e deturpações tão graves, se não mais graves, que a de «liberdade». Patriotismo — ensinaram-nos os nossos maiores, pela palavra e pelos actos — é o amor entranhado e sem reservas à terra que nos serviu de berço, pondo ao serviço dela, em sua defesa e no seu engrandecimento moral e material toda a nossa vida, a nossa fazenda e o nosso sangue.

Actualmente, porém, pretende que sacrifiquemos o sentimento bem vivo de patriotismo a um vago e indeciso humanitarismo. Daí o chamarem de patriotas os que, em vez de a defenderem, procuram subjugar a pátria a sistemas estranhos que a ambição de outros lhes envia. Daí serem dados como patriotas os que procuram amputar a pátria de grandes porções do seu território. Patriota é o que abandona e não o que defende; patriota é o que provoca o empobrecimento e não o que luta para o engrandecimento. Patriota é o que trai e não o que defende e luta e morre pela defesa.

Em nome deste «moderno patriotismo», as nações cultas e civilizadas estão mais pobres e pequenas; as bárbaras, maiores e mais ricas.

A desorientação é tamanha que se me afigura que as «gloriosas Nações Unidas», que se são unidas o serão apenas de nome — ia a dizer que nem no nome, porque muitas já a si mesmo se apelidam de «desalinhadas» — puseram em voga duas espécies de patriotismo: um para o leste e África, que permite a conquista de províncias e nações, outro para exportação para o Ocidente que impõe o abandono de territórios que secularmente lhes pertenciam.

Um dos famosos patriotismos justifica a violência da anexação de um Katanga, o outro impõe o abandono do Congo ao seu primitivismo bárbaro, em parte ainda canibalesco. Com o primeiro pretende-se cobrir uma possível anexação dos territórios portugueses da India, e com o segundo quer-se impor o abandono de Moçambique, Angola, Guiné e Cabo Verde. O patriotismo dos bárbaros legaliza a anexação dos povos bálticos, é invocado para justificar uma futura campanha de anexação da Mauritânia; o dos civilizados é invocado no gélido mausoleu do palácio de vidro da O.N.U. para impor à França a retirada da Argélia para obrigar a vizinha Espanha a ser banida de África.

Eis porque me parece necessário fazer avultar a lição do tradicional e verdadeiro patriotismo ministrada a todos os jovens portugueses pela data hoje evocada. Vós nós todos, somos herdeiros de um grandioso patriotismo que os nossos avós nos legaram, formado por eles à custa de muitos sacrifícios, de muitas lágrimas e de muito sangue. Impende sobre nós o dever tremendo de o legarmos intacto aos nossos filhos. A esta missão teremos de nos dedicar, sacrificando-lhe o nosso sossego, a nossa fortuna e a nossa vida. Foi esse milagre que realizou todo o povo de 1640, repetindo o que havia feito todo o povo português das gerações que os precederam. E não temamos os ventos da história. A «História» faz-se. Será o que cada um de nós queira que ela seja.

Desta lição de patriotismo resulta necessàriamente outra, que é sua consequência directa — a de *heroísmo*.

Lição de heroísmo dão-no-la quase todas as páginas da nossa história, as de hoje não menos que as de ontem.

Esse punhado de 40 homens do 1.º de Dezembro de 1640 são a lição viva de que não há que recear o número quando se luta por um alto ideal e quando se está convencido da verdade e da justiça da luta. A qualidade supera a quantidade. Lutámos nessa época com uma poderosíssima nação, a mais rica e poderosa do mundo de então e vencemos. Lutamos hoje contra quase todo o mundo e venceremos também.

Os nossos rapazes, soldados do Ultramar, têm-nos dado hoje, dia a dia, lições práticas e vivas desse heroísmo e abnegada dedicação

1.º de Dezembro

características do nosso povo. O número não lhes tem abatido o ânimo ou enfraquecido a acção. Têm lutado e vencido. Há um ano que se vêm escrevendo páginas de coragem, abnegação, sacrifício e valentia — numa palavra, de *heroísmo* — em nada inferiores às que escreveram os nossos antepassados.

Nessa luta tremenda e sem quartel, a mais selvática e bárbara até hoje travada, a desproporção das nossas forças frente às do inimigo tem sido ainda maior que em qualquer outra época da vida da Nação. Em Aljubarrota a desproporção era de 1 para 100 diz o nosso épico. Em Mucaba ela foi de 1 para 1 000.

No inimigo de agora, cujo ó d i o foi cientìficamente acirrado com recurso até à própria religião não há já o mais leve resíduo de sentimento de cavalheirismo e de humanitarismo que, mais ou menos implìcitamente, informou a ética dos exércitos nas guerras passadas. Já não se respeitam nem velhos, nem mulheres, nem crianças. Pelo contrário, são estes seres indefesos que primeiro se procuram para vítimas, chacinando-os com todos os requintes da sua crueldade de bárbaros. Nada de toques de trombeta a anunciar a luta. Há, antes, a aproximação clandestina, a infiltração lenta com a cumplicidade do negrume das noites ou com a protecção da densidade de vegetação. Há o ataque repentino e inopinado, selvagem e brutal a casas isoladas a povoações distanciadas e sem defesa. O objectivo imediato é apenas espalhar o terror, a devastação e a morte.

É esta a espécie de guerra que os nossos soldados vêem enfrentando há quase um ano, guerra que é feita não apenas com a complacência mas até com a aprovação das famigeradas nações da O. N. U. E os nossos soldados têm-na aceitado mesmo assim, e têm vencido.

Rapazes, todos os que lá longe se batem eram ainda ontem rapazes como vós. Estiveram há pouco convosco, vivendo, como vós despreocupadamente o seu dia a dia pacífico e sem preocupações. Alguns muitos deles, estiveram como vós nas fileiras da M P. Entre eles há um que foi ainda há pouco, filiado deste Centro, marchando garbosamente pelas r u a s desta cidade como já hoje mesmo vós fizestes. São esses rapazes, de carne e osso como vós que nos estão dando estas assombrosas lições de heroismo Amanhã sereis vós os escolhidos por ventura? Tenho a certeza que nenhum de vós faltará e que sabereis dar-nos lições tão gloriosas como as que presentemente deles recebemos.

Liceu da Covilhã, 1 de Dezembro de 1961.

ABRANTES DA CUNHA
(Director do Centro)

Aqui não reside o temor!

(Continuação da 1.ª página)

Portuguesa, cristã e centro irradiador da catolicidade no Oriente. E a Nação fidelíssima veria mais uma vez os seus filhos derramarem generosa e heròicamente o seu sangue por Deus pela Pátria, pela civilização ocidental, que mais que nenhum outro povo souberam servir e glorificar.

Corre sangue português na India!

Junto a pedras seculares, testemunhos vivos duma Pátria que não morre, um punhado de Portugueses faz frente a um exército poderoso, escrevendo nesses mesmos lugares, onde tantas páginas de bravura e heroicidade deixámos no passado, outras mais que em nada deslustram as primeiras.

Muitos camaradas nossos estão neste momento dando a sua vida pela grandeza e unidade da Nação, entusiasmando o mundo com a sua resistência, com a sua lealdade, com o seu sacrifício.

Portugueses de lei, que sempre como Portugueses viveram e como Portugueses morrem, olham bem alto nas remotas paragens da India a Cruz da sua Fé, as Quinas da sua Bandeira.

Corre sangue português na India!

Os soldados de Portugal cumprem o seu dever, saibamos nós corresponder à sua gesta sem par nos tempos presentes, tão cheios de abdicações v e r g o n hosas, de traições aviltantes.

O momento é da mais profunda meditação, meditação consciente pela hora que passa, de confiança nos nossos chefes e governantes e de fé muita fé em Deus e nos destinos da Pátria.

Invadiram Goa a Roma do Oriente, atacaram Portugal, a Nação fidelíssima e enquanto no Estado Português da India se vivem horas de dor e de glória o bom povo Português, lembrado de que acima do poder dos homens e da força bruta da barbárie há, ainda os desígnios de Deus, enche os templos, implora e reza.

Glória aos soldados de Portugal!

«CHAMA»

SONHEI... E ACORDEI

(Continuação da 5.ª página)

sonho o espirito fora levado ao reino da recordação.

Acendi o candeeiro da mesinha de cabeceira e verifiquei serem 6 horas do dia 30 de Outubro de 1961. Eram horas de erguer. Um avião de motores roncantes atroa os ares. Ouve-se o ruído dos eléctricos que passam ao lado, o chiqueiro das motocicletas e o zumbido constante dos automóveis.

Levantei-me, preparei-me e lá vou eu rumo à Faculdade.

À minha frente uma nova realidade, com múltiplos e gravíssimos deveres. À minha rectaguarda um passado, hoje objecto de saudade; passado que evoco em dois ou três retalhos que como todo o objecto de saudosismo são pedaços do meu próprio ser deixados aqui e além, pelas circunstâncias da vida.

Jorge Baptista Bruxo
(C. B.)

DIA 8 DE DEZEMBRO

(Continuação da 4.ª página)

2 que ofereceram à Subdelegada Regional um ramo de rosas.

No Liceu Nacional, pelas 15 horas da tarde, as filiadas do C. E n.º 1 fizeram a entrega dos terços e enxovais às famílias contempladas.

Os filiados do C. E. n.º 2 cumprimentaram pela passagem do dia da Mãe, além da Subdelegada Regional, as Ex.mas Senhoras Dona Fernanda da Cruz Ranito Baltazar, Dona Gonzaga de Melo e Castro e Dona Hortense de Sousa Abrantes da Cunha, respectivamente, esposas do Sr. Presidente da Câmara, do Subdelegado Regional e do Director desse Centro.

José Proença Mendes
(C.C.)

CONJUNTO INSTRUMENTAL DO CENTRO

Graças à devoção e sacrifício do Prof. Rosa Soares tem continuado a viver e a progredir o Conjunto Instrumental do nosso Centro.

Todos os que trabalham no C. E. n.º 2 desde o seu Director, Dr. Abrantes da Cunha, até aos filiados menos graduados, reconhecem o esforço, a boa vontade do Prof. Rosa Soares, ao ponto de sacrificar os seus interesses pessoais, a favor duma obra que é, sem dúvida, das mais prestigiantes do nosso Centro.

A Redacção da «Chama» exprimindo o sentir dos actuais e antigos filiados, agradece ao fundador e devotado Regente do nosso Conjunto Instrumental tudo o que tem feito, prólogo magnífico do muito que ainda há-de fazer a bem do Centro.

Escusado será dizer que o Prof. Rosa Soares pode contar inteiramente connosco, admiradores modestos, mas sinceros, da sua grande obra.

J. Martinho

Carta de um Soldado

Honramo-nos de transcrever trechos de uma carta do jovem alferes Alberto Santiago de Carvalho, natural da Soalheira. Dirigida a seu tio, Padre José Santiago, a quem pede que se não esqueça da sua alma depois de tudo acabado, diz estas palavras tão simples como grandes:

«De um momento para o outro, momento que pode durar minutos, horas ou dias, — não se sabe — espera-se a invasão dos nossos territórios da Índia Portuguesa. Porque a luta vai ser desigual, dada a grande desproporção de forças, não deixará de ser dura, mas sê-lo-á até ao último cartucho, até ao último suspiro. Todos estamos cônscios do que nos sucederá, mas estamo-lo muito mais do dever de Portugueses que se nos impõe. Assim, eu quero, neste momento em que a realidade se apresenta tenebrosa, mas em que os nossos corações de Portugueses nunca dedicaram tamanho amor a Portugal, dizer-lhe que daremos tudo para que Ele continue, e continue eterno. Peço a Deus que o recompense já que eu nada tenho para dar senão a minha vida que entrego à Pátria».

(Do «Jornal do Fundão»)

IMPRENSA

Referiram-se à romagem dos antigos ao C. E. n.º 2 com palavras amigas e de incitamento por esta iniciativa o «Notícias da Covilhã» e o «Jornal do Fundão», tendo este publicado sobre esse acontecimento uma desenvolvida reportagem. Muito reconhecidos, agradecemos.

CURSO DE ARVORADOS

Pela primeira vez haverá na Covilhã um Curso de Arvorados ao nível da Ala para que foi nomeado Director o A.Q.G. Dr. Fernando Bernardo Panarra.

«Chama» felicita o Subdelegado por esta iniciativa e espera que o novo Curso de Arvorados em Comandante de Castelo forme futuros graduados competentes, zelosos e dedicados como é mister.

Ao A.Q.G. Dr. Fernando Panarra enviamos cumprimentos por esta nomeação, fazendo os melhores votos pelo bom êxito do Curso.

Natal do Soldado

Inimigos de fora que, infelizmente, encontraram aliança e apoio em certos traidores, trouxeram a guerra à terra portuguesa.

Angola viveu as mais vivas horas de ansiedade e por essas terras tão portuguesas correu sangue inocente e generoso da nossa gente.

Vencida a vaga inicial do terrorismo principiamos, imediatamente, com a reconstituição da vida e do trabalho nas zonas devastadas, graças ao labor incansável do colono sob o olhar vigilante dos nossos soldados.

Nas outras províncias ultramarinas, igualmente, o nosso exército zela e luta pela conservação da unidade da Pátria, pela permanência da missão histórica de Portugal.

Soldados de Portugal

No Natal de 1961, Natal de Guerra para todos os portugueses, lembramos comovida e orgulhosamente todos aqueles que nas mais distantes províncias são simultâneamente sentinelas vigilantes e garantia da integridade da Pátria.

Assim, o país todo vibrou com a iniciativa do «Natal do Soldado» tão cristã, tão portuguesa, tão humana.

A iniciativa da recolha de donativos para tão alta missão esteve no nosso Liceu a cargo da M.P.F. e o êxito que obteve prova só por si como vinha ao encontro dos anseios de todos nós.

«Chama» felicita a Sub-delegada regional da M.P.F. e todas as senhoras e filiadas que com ela colaboraram.

Graças a este movimento terão os nossos soldados no dia de Natal a satisfação e alegria de sentirem junto de si a nossa presença, que lhes leva um pouco de nós mesmos e lhes dá a certeza de que no Continente vivemos unidos a eles esta hora tão difícil, mas que graças ao seu valor e valentia haveremos de vencer.

João Manoel Martinho
(A.C.C.)

Aproxima-se o Natal

Dentro de poucos dias festejaremos o Natal.

Que todos se lembrem junto do Presépio do Deus Menino dos pobres, dos infelizes, dos desprotegidos da sorte para quem o Natal, mensagem maravilhosa de amor e paz, é sobretudo uma esperança ou uma saudade.

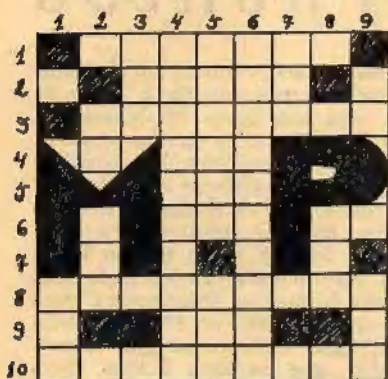
Que na medida do possível todos concorram para que essa esperança seja uma certeza e nessa noite, sem par entre todas as noites, haja nos seus lares mais luz, mais alegria, mais paz, mais confiança.

"A Mocidade fala à Mocidade"

O «Notícias da Covilhã» começou a publicar no passado dia 25 de Novembro uma secção de jornalismo do C. E. n.º 1 intitulada «A Mocidade fala à Mocidade».

«Chama» felicita o C. E. n.º 1 por este empreendimento e faz votos para que a pequena secção do «Notícias da Covilhã» se transforme em breve numa página inteiramente preenchida por temas da M.P.

PASSATEMPO

Palavras Cruzadas

Horizontais: 1—Pôr em recato; 2—transportar; 3—afirma; 4—irmão do pai; 5—Instituto Regional de Lisboa; 6—afluente da margem esq. do Douro (Beira Alta); aqui; 8—transportar; 9—cabelo branco (sílaba nasalada com *n*); 10—tirara os ossos.

Verticais—1—Nome de rapariga (abreviatura); 2—artigo def. fem. plural; «ipsis verbis»; 3—pronome pessoal forma sujeito (terceira pessoa plural omitindo o 2.º *e*); 4—larva da ténia; 5—cidade da Beira Litoral; batráquios; 6—antigas casas de jogo; 7—medida agrária; 8—tribo; 9—ruim; braço de mar.

(Ver solução na página 7)

Teste

Leiam atentamente estas frases:

1—Paulo saltou por cima da sua sombra.

2—João casou de novo; desposou a irmã da sua viúva.

Há alguma anomalia? Onde?

Caras e casos do último número

(VER O NUMERO 5)

1.ª PÁGINA

Sabem o nome dos quatro toros que ardem na «Chama»? Não? Eu digo—o primeiro chama-se João, o segundo Manuel, o terceiro Leite e o último Castro...

2.ª PÁGINA

Se algum d'a vos perguntarem:
—Viste o Pinheiro? Onde está?
Respondei assim:
—O Pinheiro está à volta da «Língua Portuguesa»...

5.ª PÁGINA

I

Pois foi assim, meus senhores:
Ao abrir a «Chama na «Tribuna dos Antigos», deparei com a fotografia do C.C. Pinto da Silva, mas, confesso, não o reconheci. Ainda pensei quem seria o «antigo» que dera em galã de cinema, mas acabei por descobrir o bivaque e tive que me submeter — era o Pinto.

Ao estudar melhor a imagem reparei naquele ar melancólico que me impressionou. Que mal te consome, rapaz? Será a indiferença daquela de quem disseste: «contigo tormenta é paraíso», ou seria uma dor de dentes?...

E ao reparar naquele beicinho que está fazendo, lembrou-me aquela sextilha de Augusto Gil «A um Menino Jesus de Évora»:

«Se não fosse por ser Deus
e o seu poder infinito
ter sempre que o demonstrar
cá na terra e lá nos Céus
estenderia o beicito
—e desatava a chorar!...»

...Que se fosse eu a escrevê-la sairia deste modo:

«Se não fosse ser Tesoureiro
e o seu poder infinito
ter sempre que o demonstrar
na Casa e ao mundo inteiro
estenderia o beicito
—e desatava a chorar!...»

II

Na mesma página ao fundo e à esquerda temos outro «antigo» que olhando as estrelas, de pé atrás, parece perguntar:
—A terra dela ficará nesta direcção?
Isto poderá não ser verdade, mas o que a gente pode garantir é que ele estava sempre de pé atrás para ir a Castelo Branco...

III

Na outra fotografia ao lado da anterior temos o Baptista a armar barraca.
É questão para lhe dizer:
—Joaquim sempre é melhor «armares barraca» assim curvado do que doutra maneira...
(A outra maneira é nos bicos dos pés e mesmo assim sem poder fazer nada... por causa duns saltos altos).

8.ª PÁGINA

O Sr. Governador Civil acende a Chama da Mocidade.
O Flávio parece dizer:
—Ó Sr. Governador, veja lá, olhe que a gente não tem mais fósforos...

P. S.—Há dias, em conversa, ouvimos do Delegado do «Jornal do Fundão», nesta cidade, um comentário que se resume nestas palavras:
Como é que, tendo chegado cerca das 19 horas ao acampamento «Maciel de Chaves» e tendo até jantado com os filiados no referido acampamento, só se assinala a sua chegada pelas 21 e 30 na reportagem do último número da «Chama»?

Bem, o caso à primeira vista podia passar por um pequeno lapso, mas a verdade é que recebemos o seguinte esclarecimento:
—É muito natural e ninguém duvida que o sr. Torrão tenha chegado à hora a que se refere, mas a causa de não ter sido notado está, pura e simplesmente, no pouco apetite que teve ao jantar, contra o costume.
Julgo estar tudo esclarecido...

Miradoiro

(Crónica muito crónica)

Constou-nos que o senhor Soares conseguiu finalmente um contrato para actuar na TV... Já não é sem tempo.

História

Trágico-Unguicular

Roeu as unhas, os dedos,
até os braços roeu
e como era distraído
roeu-se todo e morreu...

Anedotas

Passou um grupo folclórico duma aldeia próxima junto da «malta».
Alguns iam de capa e batina.
Surpreendi um garoto do grupo a perguntar a outro, referindo-se aos fardados:
—Estes andam a estudar para Padre?
O outro respondeu:
—Não, andam a estudar para estudantes...

NUMA AULA DE GEOGRAFIA

A professora entrega os pontos e faz os devidos comentários aos exercícios:
—Isto está pavoroso, o senhor não só não sabe nada como escreveu em «pretuguês».
—Mas o ponto não era sobre a África, minha senhora?

AZAR

Altamente pessimista, o Amílcar julga-se perseguido eternamente pelo azar. Outro dia, ao passar por uma rua deserta, encontrou no chão uma nota de 100$00.
—Claro! — exclamou logo — se tivesse sido outro qualquer a encontrá-la não seria de 100$00 mas sim de 1 000$00. Que pouca sorte!...

EM CASA

—Maria, como o senhor está muito constipado, ponha uma botija na cama.
—De anis ou aguardente, minha senhora.

Secção de Consultas, L.da

Resolvemos abrir na «Chama» esta secção de consultas, em que os consulentes (preferimos as consulentes) poderão expor todos os seus problemas, principalmente os sentimentais, pois somos formados em Sentimentologia Crónica.

Apresentaram-nos já o seguinte:

Problema: «Tenho cinco anos. O papá não me deixa namorar com o primo Toninho, nem me deixa fumar como à mamã. Que devo fazer? Ajude-me».

A que vamos dar a devida

Resposta: O seu problema não nos espantou, minha senhora. De hoje em dia a mulher há-de nascer tal como será vinte e tal anos depois. Que quer que lhe faça? Recordou-me uma coisa para lhe fazer esquecer essa paixão... Compre 2 gramas de pozinhos de perlim-pim-pim, dissolva-os em meio litro de água e beba. Depois peça ao papá que lhe dê meia dúzia de puxões de orelhas, mas daqueles valentes.

Quanto ao fumar: V. Ex.ª, minha senhora, acaso poderá com um cigarro? Aconselho-a a experimentar uma chupeta.

Dê estes conselhos às suas manas mais velhas...

A3. B.

Concurso

Nome ______
Ano: ______
Castelo: ______ Cupão n.º ______

Se o filiado recortar o cupão acima e o enviar, devidamente preenchido, à Redacção da «Chama», terá direito a um buraco no jornal.

Para aptidão dos Infantes e Vanguardistas do C. E. 2 (Liceu Nacional da Covilhã), realizou-se no dia 4 de Novembro, uma prova de Campo que teve por patrono, Carneiro Pacheco, e para a qual se inscreveram 5 equipas de Infantes e 3 de Vanguardistas, num total de 48 filiados.

Foram directores da prova «Carneiro Pacheco» o A.Q.G. Dr. Leite de Castro e o A. I. José da Graça Borda d'Água que tiveram como adjunto o C. B. Mário da Silva Pinheiro e para seu Comandante foi nomeado o C. C. José Rolão Bernardo.

Além do Director do Centro estiveram presentes no início desta prova e no seu termo o A.Q.A.R., Padre Baptista Fernandes, A.Q.G. Dr. Fernando Panarra, Arquitecto Fernando Proença, Adjunto de Instrução do Centro, Dr. Martins da Fonseca, Instrutor de Tiro e o Prof. Rosa Soares, Regente do Conjunto Instrumental.

O C.C. João Ernesto Pinto da Silva, antigo filiado deste Centro, actualmente em serviço no C. E. n.º 1, veio desejar ao Comandante da Prova as maiores felicidades e felicitá-lo por esta iniciativa.

No edifício do Liceu, sede do Centro, o Director do mesmo, proferiu breves palavras, findas as quais deu início à Prova, autorizando a saída da 1.ª equipa, que teve lugar pelas 14 h. e 50 m.

Partiam as equipas do lugar acima mencionado, com intervalos de 5 minutos entre si, que depois de recebidas as instruções no lugar da Partida (P. P.) se dirigiam através de algumas ruas da cidade, até à Casa da Mocidade, onde se encontrava instalado o Posto de Apresentação, (P. 1). Neste local eram recolhidos elementos sobre a conduta da equipa na sua passagem através da cidade. Findo isto, eram fornecidos elementos para seguirem por informações até ao Posto de Topografia (P. 2) onde os filiados tinham que demonstrar não só as suas aptidões de ordem prática, como os seus conhecimentos de teoria.

Por sinais de pista, seguiam os filiados, ao longo da Margem direita da ribeira denominada De Goldra, até alcançarem o Posto de Orgânica (P. 3) onde a cada elemento da equipa era entregue um questionário sobre a matéria. Depois de feita esta prova, continuavam as equipas a seguir os sinais de pista até localizarem o Posto de Transmissões (P. 4), onde distribuídos por três postos sendo um intermediário, procediam à transmissão, retransmissão e recepção de uma mensagem em homográfico. Finda esta, as equipas deslocavam-se por um caminho bastante íngreme, em silêncio absoluto conforme ordens recebidas no final da prova anterior, confirmado por um posto Secreto (P.S.) até ao Posto de Informações (P. 5), onde lhes eram fornecidas informações para se apresentarem no Parque Florestal, lugar onde terminava o percurso, que totalizou 6 klm. aproximadamente. (P. C.).

Neste local, procedia-se à provas de Tiro e Campismo (P. 6 e P. 7), onde os membros de cada equipa demonstravam os seus conhecimentos sobre o assunto.

Neste local e terminadas estas provas, deu-se por terminada a Prova de Campo Carneiro Pacheco, na presença do seu director, Director do Centro, Dirigentes e convidados, tendo o Director do Centro regozijo em afirmar que tal prova, tinha excedido as expectativas, não só pelo tempo gasto pelas equipas no percurso, como também pelos conhecimentos demonstrados no decorrer da mesma.

Antes do regresso à Covilhã dirigentes e filiados confraternizaram num magusto que decorreu com muita animação e alegria.

Esta prova estava integrada nas Comemorações dos 25 anos da M. P. a levar a efeito pelo C.E. n.º 2.

João Manoel O. Martinho
(A.C.C.)

Em plena prova

Último posto à vista

A agressão indiana

Em virtude do ataque da União Indiana o Conselho de Centro reuniu extraordinàriamente às 12h e 30m. Presidiu o Director Adjunto A. Q. G. Dr. Leite de Castro e estiveram presentes todos os chefes de secção.

Os membros do Conselho deram mostras da sua maior repulsa perante a agressão ao Estado Português da India e foi resolvido que se mandasse uma representação do Centro a Castelo Branco apresentar ao Senhor Governador Civil o nosso protesto perante o ataque indiano, a nossa confiança no Governo Nacional e a nossa grande fé no exército português.

Representaram o Centro o A. Q. G. Dr. Leite de Castro, Director de Instrução e Adjunto do Centro, o C. C. José Rolão Bernardo, Comandante de Instrução e o A. C. C. João Manoel Martinho, chefe das Secções Cultural e Desportiva.

O Senhor Governador Civil depois de ouvir as palavras que em nome do Centro lhe dirigiu o Director Adjunto, agradeceu a nossa ida a Castelo Branco, afirmando, a terminar, a sua plena e total confiança no brio e valentia dos nossos soldados e no Governo Nacional que nesta emergência, como em todas as mais, encarna o sentir de todos os Portugueses.